



Mídia alternativa na Amazônia¹

Célia Trindade AMORIM²
Universidade Federal do Pará/Facom

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar ao GP Comunicação para cidadania o projeto “Mídia Alternativa na Amazônia”. Sabe-se que o desafio é grande, pois adentrar nesse universo não é uma tarefa fácil. As pesquisas nacionais e internacionais em comunicação/jornalismo ainda priorizam objetos da chamada mídia oficial. Trata-se de (re)conhecer as mediações histórico-culturais dessas possibilidades midiáticas e re-situá-las dentro do lugar estratégico em que o campo da Comunicação passou a exercer na formatação de novos modelos de sociedade. (MARTÍN-BARBERO, 2003). Partindo deste pressuposto, o estudo pretende mapear possibilidades midiáticas que, apesar de serem (em sua maioria) pouco reconhecidas pela sociedade, vêm cotidianamente se firmando na comunicação amazônica. Dessa forma, “a pesquisa científica pressupõe sempre uma instância coletiva de reflexão” (DESLANDES, 2008). Tal instância é um fórum privilegiado para contribuir com sugestões e críticas no sentido de um melhor encaminhamento da presente proposição.

Palavras-chave: Mídia Alternativa; Amazônia; Democracia; Mediações.

Introdução

O projeto Mídia Alternativa na Amazônia nasce da necessidade de se pesquisar o universo de pequenos meios de comunicação importantes no processo de democratização na região. O desafio é grande, pois adentrar no universo das Mídias Alternativas não é uma tarefa fácil. As pesquisas nacionais e internacionais em comunicação/jornalismo ainda priorizam objetos da chamada mídia oficial.

Na Amazônia tal tarefa se torna ainda mais complexa. A temática Mídia Alternativa ainda é pouco explorada e necessita de uma maior investigação por parte dos amazônidas e da comunidade de pesquisadores em geral. Trata-se de (re)conhecer mediações histórico-culturais também dessas outras possibilidades midiáticas e re-situá-

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Dr^a do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente desenvolve pesquisa na área de Comunicação com ênfase nos seguintes temas: mídia alternativa, metalinguagem jornalística, comunicação popular. E-mail: Célia.trindade.amorim@gmail.com



las dentro do lugar estratégico em que o campo da Comunicação passou a exercer na formatação de novos modelos de sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Em outras palavras, significa dizer que as mídias alternativas são estratégicas não só na ampliação e debate crítico de temas próprios da cultura amazônica (conflitos fundiários, grilagem de terras, devastação e queimadas, cotidiano urbano, etc.), como também possibilitam conhecimentos dos processos midiáticos da comunicação de massa que, em sua maioria, vêm a Amazônia tão somente pelo fio sedutor, mas redutor, do exotismo.

Neste exercício de (re)conhecimento midiático alternativo, as pesquisadoras paraenses Célia Trindade Amorim e Maria do Socorro Veloso apresentaram em 2008 as teses de doutoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Universidade do Estado de São Paulo (USP), respectivamente, sobre o *Jornal Pessoal*, uma das principais mídias radicalmente alternativas da Amazônia.

A publicação nasce em 1987, pós-ditadura militar, impondo uma pauta que a mídia amazônica de grande porte não tem interesse em divulgar. Dito de outro modo: O *Jornal Pessoal* se insere na história do jornalismo alternativo brasileiro como um periódico que luta bravamente contra a censura e a favor do direito social da informação na Amazônia. Uma tarefa hercúlea se se considerar que o periódico existe há 24 anos totalmente à margem do circuito hegemônico industrial, pois nunca contou com nenhum tipo de publicidade que o sustente, o que faz de tal empreendimento uma experiência jornalística radical e singular na Região Norte em pleno século XXI. A idade também é rara em se tratando de um veículo alternativo brasileiro, basta consultar a literatura da área, entre elas, a clássica *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*, de Bernardo Kucinski, 1991.

Tal complexidade se torna ainda maior quando se percebe que a publicação, que chega às mãos do leitor a cada quinzena, é produzida solitariamente pelo sociólogo e jornalista Lúcio Flávio Pinto. É ele quem realiza todas as tarefas de redação: pauta, captação de notícias, reportagem, revisão, edição e às vezes distribuição. A única exceção é com relação à charge, assinada pelo humorista gráfico, Luís Pinto, irmão do jornalista. Como não gera lucro econômico, seu proprietário o mantém juntamente com seus leitores.

Destacam-se também os estudos de doutorado da pesquisadora Rosane Albino Steinbrenner (NAEA/UFPA) sobre rádios comunitárias e alternativas no interior da Amazônia, fenômeno comunicacional que aparece “nos estratos mais populares da



sociedade, ou naquele que de alguma forma sofrem exclusão, senão material subjetivamente (minorias), porém ainda invisível à sociedade em geral e pouco reconhecido por gestores públicos” (STEINBRENNER, 2008).

Afora tais pesquisas situadas no universo das mídias alternativas na região, registram-se, na esfera de mestrado, a dissertação de Pedro Costa Sobrinho, intitulada: “Meios alternativos de comunicação e movimentos sociais” (ECA/USP, 2000) e de Célia Trindade Amorim, “Oralidade e riso na primeira página do Jornal Pessoal: um recorte cultural da Amazônia” (PUC/SP, 2002).

O pesquisador inglês John D.H. Downing, (2002), em importante obra sobre a temática, *Mídia Radical: Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais* 2002, ressalta de forma bastante crítica a profunda desigualdade entre as abordagens correntes aos meios de comunicação, principalmente a recusa em se levar a sério a persistência histórica e a disseminação geográfica da comunicação midiática alternativa.

Downing observa que embora o alcance dessas mídias, nos primórdios do século XXI, seja mais amplo do que nunca – exigindo uma atenção analítica acurada – esses meios de comunicação não são, de forma alguma, recentes na cultura e na política. “A questão é que só há pouco tempo eles entraram na pauta da teoria e dos estudos oficiais, que têm uma predileção pelo que parece óbvio e fácil de verificar”. (DOWNING, 2002, p. 21).

O professor de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, Arlindo Machado, ao fazer a apresentação do livro de Downing, analisou criticamente aquilo que chama de “ibopização dos debates” imposto pelas mídias dominantes, tendo conseqüências, inclusive, nas academias.

A ditadura do Ibope determina não apenas o que vai ser produzido pelas mídias, mas também o que vai ser estudado nas universidades. (...) Discussões mais qualitativas costumam ser imediatamente descartadas e tachadas de exóticas ou elitistas. A impressão que se tem é a de que em breve nada mais poderá ser abordado entre nós se não tiver obtido 20 pontos percentuais no Ibope, ou atingido uma tiragem de pelo menos 500 mil exemplares. Mas essa não é a lógica das próprias mídias dominantes? Por que deveria o pensamento sobre as mídias se “midificar” ele também? (MACHADO, 2002, p. 12).

O questionamento de Arlindo Machado “Por que deveria o pensamento sobre as mídias se “midificar” ele também?” serve de reflexão a este projeto de pesquisa que tem como uma das finalidades investigar possibilidades midiáticas amazônicas distanciadas



do modelo comunicacional voltado tão-somente para a lógica do lucro imediato. Outros tecidos comunicacionais também se movem na reconfiguração da trama social amazônica. Quem são esses atores sociais? Qual o *modus operandi* desta teia comunicativa alternativa? O que subjaz nessas mediações histórico-culturais para não serem re (conhecidas) na sociedade? Qual a importância dessas pequenas mídias no fortalecimento da cultura democrática cotidiana?

Trata-se de chamar a atenção para a urgência do ativismo dessas pequenas formas de comunicação na região que se erguem cotidianamente diante dos bloqueios de diversos setores: da economia capitalista, da omissão do governo e de outros códigos hegemônicos que ainda insistem na lógica da dominação à comunicação, assentado no modelo mecânico-informacional emissor-receptor.

Na contemporaneidade urge a comunicação dialógica, transversal, colaborativa, dispositivos acionados no âmbito das mídias alternativas “tradicionais” e presentes também com muita propriedade na internet por meio das mídias sociais. Blogs, fotologs, comunidades, You Tube, MSN, Facebook, Twitter, etc., representam um espaço social de luta que é travada “à margem da mídia tradicional, mas que vai pelas bordas corroendo os grandes conglomerados e, dia após dia, ganhando novos leitores e adeptos”. (FERRARI, 2010, p.36).

Um exemplo histórico de uma rápida construção de rede alternativa na web data de final de janeiro/início de fevereiro de 2011. Trata-se da mobilização social para protestar contra o regime autoritário do presidente do Egito, Hosni Mubarak. O povo egípcio, composto por 70% de jovens, utilizou a internet para marcar, entre outras possibilidades, data, hora e local das manifestações. Milhares de pessoas saíram às ruas do mundo árabe denunciando dificuldades econômicas e a falta de liberdade política no Cairo.

Nesse sentido, toma-se neste projeto como mídia alternativa as manifestações da comunicação de linha contra-hegemônica, ou seja, aquela “mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas”. (DOWNING, 2002, p.21).

Afinal, a sociabilidade, que germina nos tecidos cotidianos das relações humanas, é por sua vez condição *sine qua non* da *práxis* comunicativa e resulta “dos modos e usos coletivos da comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.17).



A caracterização do projeto

Como ponto de partida desta investigação, cabe neste momento uma delimitação histórica importante no sentido de entender a *praxis* comunicativa das mídias alternativas na Amazônia. Trata-se do período da Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985). Tal escolha se justifica pelo “boom” da imprensa alternativa no país, que marcou o período ao noticiar os graves crimes praticados no Brasil, como as formas de torturas e mortes de presos político, a ostensiva convivência do Estado com grupos nacionais e multinacionais que controlavam a economia, a violação dos direitos humanos, a dívida externa e outros temas de interesse geral da população.

Estes periódicos - um dos símbolos de resistência foi o *Pasquim* – ficaram conhecidos como imprensa alternativa, de leitor, nanica, independente ou underground (Kucinski, 1991). Na Amazônia surgiram nesse período jornais com as mesmas intenções dos alternativos nacionais. *Resistência*, *Bandeira 3* e *Nanico*, por exemplo, marcaram a história do jornalismo em Belém do Pará. Naturalmente que o fenômeno não é exclusivo da Ditadura Militar. Um exemplo é o mencionado por Kucinski, estudioso do assunto, que ressalta a presença desse meio em outros tempos da história, “como as publicações irreverentes e panfletárias do período da Regência, que atingiram seu apogeu em 1830 com cerca de cinquenta títulos”. (SODRÉ, 1968, APUD, KUCINSKI, 1991, p.XXI).

Mas é sabido que o fenômeno alternativo surgido no calor do militarismo de 1964 plantou importantes sementes no país. Eles lutaram não só pela redemocratização, como contribuíram para o debate sobre a democratização dos meios de comunicação na Amazônia impulsionando, por exemplo, o surgimento de outros alternativos pós-ditadura militar. Este é o caso do *Jornal Pessoal* surgido no seio de uma mídia hegemônica paraense em 1987.

No Brasil, segundo a pesquisadora Cicilia Peruzzo (2007b), na segunda metade dos anos 1970 e nos anos 1980, várias pequenas rádios livres ousaram contestar o sistema de controle dos meios de comunicação de massa e irradiaram seus sons nos estados de São Paulo e de Santa Catarina. Hoje há uma explosão dessas rádios em todas as partes do país. Aliás, com a globalização e o crescimento exponencial das novas tecnologias de comunicação, as mídias alternativas, nas mais diversas formas, estão cada vez mais se materializando no cenário mundial.



Este liame histórico, portanto, será fundamental para se entender o movimento das mídias alternativas que nos anos de 70-80 do século passado lutam pela liberdade de expressão contra o autoritarismo vigente; e a partir de 1990, a bandeira é em defesa da cidadania em uma época já de democracia estabelecida. Destacam-se, neste último contexto, as lutas das rádios e TVs comunitárias. E mais recentemente as mídias na internet.

Nesta perspectiva o projeto está estruturado nas seguintes fases:

- A primeira sistematizará estudos sobre as mídias alternativas na Amazônia, contextualizando tal universo. Nesta perspectiva é oportuno analisar os conceitos imprensa alternativa e mídia alternativa na Amazônia; identificando em que momento o conceito de imprensa alternativa perde densidade para o de mídia alternativa.

- Já a segunda fase iniciará com um estudo exploratório. Trata-se de fazer um mapeamento das mídias alternativas na Amazônia, especificamente em Belém do Pará, sede da Universidade Federal do Pará (UFPA), onde abrigará a pesquisa; agrupando-as por categorias: mídia impressa; mídia rádio, mídia audiovisual, mídia *on line*.

- Após o mapeamento, se processará a terceira fase do projeto: uma análise crítico-reflexiva sobre as mídias alternativas. Pretende-se analisar criticamente o contexto, o *modus operandi* dessa teia comunicativa, os atores sociais envolvidos, a contribuição dessas mídias no fortalecimento da democracia na região, e o que subjaz nessas mediações histórico-culturais para não serem re (conhecidas) na sociedade.

- A quarta fase se caracterizará pela criação, desenvolvimento e manutenção de um Sítio Virtual de Mídias Alternativas na Amazônia. Nesse sentido, opta-se pela internet como *locus* de abrigo, captação, redação e distribuição de informação e conhecimento de pesquisa por ser tal suporte mais acessível à produção, alimentação e atualização das informações, se comparado a outros; espaço socialmente globalizado, acessível remotamente, e por representar também baixo custo de manutenção. Eis um fator importante na exequibilidade do projeto.

É importante enfatizar que tais fases estão metodologicamente dispostas linearmente, porém à medida que os estudos avancem, poderão ser desenvolvidas simultaneamente ou não. Nos dois primeiros anos do estudo, a categoria contemplada inicialmente será a Mídia Impressa; seguida nos outros anos pelas Mídias Rádio, Audiovisual e *On line*, respectivamente. Assim se obedece ao surgimento histórico de cada uma delas.



À medida que a rede de colaboradores, pesquisadores e ativistas das mídias alternativas se consolida e amplia com esse projeto, outras localidades dos Estados do Pará e da Amazônia serão incorporadas.

Justificativas e objetivos

As mídias alternativas têm se constituído como um *locus* privilegiado para se pensar na democratização dos processos de comunicação. Os atores sociais que atuam nessas mídias sejam em movimentos sociais, Organizações Não Governamentais (ONGs), nas periferias das grandes cidades, nos centros urbanos ou até mesmo em zonas rurais se apresentam com uma proposta de intervenção social, além de oferecer novos sentidos e novos usos desses meios midiáticos.

São sujeitos comunicadores-ativistas à luz do “intelectual orgânico” de Gramsci ou da filosofia de Paulo Freire se se pensar a relação produtor ativista/audiência ativa, entendendo esta última como àquela que contribui também na elaboração dos produtos midiáticos, ou seja, a audiência como co-arquiteta na produção comunicativa (DOWNING, 2002). Pode-se também argumentar, à luz dos estudos de Bakhtin, sobre os romances e os discursos e vozes rivais neles representados, que tais atores sociais participam de uma esfera pública democrática e dialógica na cultura popular. (DOWNING, 2002). Aliás, a cultura popular é a espinha dorsal da mídia alternativa, enraizada nos movimentos e outras mediações sociais que se proliferam a todo instante na sociedade.

Portanto, investigar os processos comunicacionais das mídias alternativas, mapeando tal esfera pública, democrática e dialógica na cultura amazônica, se torna imprescindível para se entender sua *práxis*, recuperar memórias e re(descobrir) novos laços de pertença ao território. São diferentes apropriações midiáticas, outras formas de estar juntos, “pelos quais se recria o espaço da cidadania e se reconstitui a sociedade a partir de diversas e variadas reconfigurações de sentido” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.21) como as associações de bairros, as rádios e TV comunitárias, os pequenos jornais contra-hegemônicos, etc.

Assim sendo este projeto apresenta como objetivo geral refletir sobre a importância das mídias alternativas na Amazônia no processo de construção de uma comunicação voltada efetivamente para a cidadania. Já os específicos são:



- Analisar os conceitos imprensa alternativa e mídia alternativa na Amazônia; identificando em que momento o conceito de imprensa alternativa perde densidade para o de mídia alternativa.

- Mapear as Mídias Alternativas em Belém do Pará, agrupando-as por categorias: Mídia Impressa, Mídia Rádio, Mídia Audiovisual, Mídia *On Line*, além de analisar criticamente o contexto, o *modus operandi*, os atores sociais envolvidos e a contribuição dessas mídias no fortalecimento da democracia na região.

- Produzir material que sirva de fonte para o ensino e pesquisa; bem como criar, desenvolver e manter um Sítio Virtual de Mídias Alternativas na Amazônia com informações da pesquisa e conteúdos críticos que permitam uma ampliação do conhecimento, problemas e tensões dessas formas de comunicabilidade amazônicas;

- Possibilitar com que ONGs, Associação de rádios e Tvs, alunos, pesquisadores, ativistas das mídias e colaboradores possam contribuir com o projeto de pesquisa/ Sítio Virtual Mídias Alternativas na Amazônia, com informações, entrevistas, vídeos, artigos científicos, etc., obedecendo certamente a uma Política de Gestão do Conhecimento para compartilhamento e acesso de conteúdos;

- Buscar parcerias com Faculdades, instituições de pesquisas, empresas, Associação de Rádios, Tvs e Jornais Comunitários, dentre outras, para fortalecer estudos, incentivar realizações de congressos, simpósios, financiar publicações na área e dar apoio as ações do projeto.

- Fomentar além da Pesquisa, a extensão para que universidade e comunidade possam não só dialogar como fortalecer práticas de Mídias Alternativas na região.

Metodologia

As pesquisas bibliográfica, documental e de campo serão ferramentas importantes neste projeto que ora se inicia, principalmente porque existem poucos estudos sobre a temática mídias alternativas amazônicas. Nesse sentido, se utilizará de contribuições bibliográficas de teóricos sobre Mídia Radical Alternativa (Downing), Comunicação, Cultura e Hegemonia (Martín-Barbero), Intelectuais orgânicos (Gramsci), dentre outros estudiosos brasileiros e amazônidas como Cicília Peruzzo, Bernardo Kucinski, Lúcio Flávio Pinto, compondo um fórum de debates sobre a temática proposta. Por sua vez, a pesquisa documental se constituirá de um elemento estratégico para a recuperação da memória de contextos, pessoas, acontecimentos. Nesta perspectiva, tal estudo poderá reconstruir contextos que recuperem, por exemplo,



histórias e vozes textuais de comunicações midiáticas que lutaram fervorosamente contra o Regime Militar de 1964, como foi o caso do bravo periódico *Resistência*, um marco na imprensa alternativa amazônica. Já a pesquisa de campo ajudará, metodologicamente, a sistematizar, por meios de entrevistas, fotos, questionários, relatos orais, história de vida, etc., as mídias contemporâneas e até mesmo as mídias que existiram, mas que não tiveram registro histórico, material importante para confirmar a existências dessas formas de comunicação na região. Para tanto se utilizará de questionários padronizados com perguntas abertas e fechadas aplicados aos principais atores sociais que participaram ou participam dessas mídias contra-hegemônicas.

O *locus* da investigação será Belém do Pará, sede da Universidade Federal do Pará, que abrigará a pesquisa. Como já foi relatado, nos dois primeiros anos do estudo a categoria contemplada será a Mídia Impressa; seguida nos outros anos do projeto pelas Mídias Rádio, Audiovisual e *On line*, respectivamente. Assim se obedece ao surgimento histórico de cada uma delas.

À medida que a rede de colaboradores, pesquisadores e ativistas das mídias alternativas se consolide e amplie, outras localidades dos Estados do Pará e da Amazônia serão incorporadas.

Metas

Este projeto apresenta as seguintes metas: Promoção de seminários no sentido de fortalecer os estudos sobre Mídias Alternativas; Criação e desenvolvimento do Sítio Virtual de Mídias Alternativas da Amazônia que possa contribuir com a formação de um pensamento alternativo sobre os processos midiáticos que estão à margem do modelo comunicacional hegemônico; Publicação acadêmica sobre o tema; Apresentação do resultado do trabalho em forma de relatório de pesquisa.

O projeto, apresentado à Faculdade de Comunicação da UFPa, teve início em agosto de 2011 e a finalidade é concluir os primeiros estudos na categoria Mídia Impressa em agosto de 2013.

Referências bibliográficas

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES Romeu; MINAYO Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac, 2002.



- FERRARI, POLLYANA. **A força da mídia social**. São Paulo: Factash Editora, 2010.
- FESTA, Regina & LINS E SILVA, Carlos Eduardo. **A comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Editora Paulina, 1986.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 9ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- GRINBERG, Máximo S. (Org). **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- _____. **Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Televisão comunitária. Dimensão Pública e Participação Cidadã na Mídia Local**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007a.
- _____. **Rádio Comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento**. In: PAIVA, Raquel. **O retorno da Comunidade: Os novos caminhos do Social**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007b.
- STREINBRENNER, Roseane Albino. **Mídia alternativa para um desenvolvimento alternativo na Amazônia**. In: Seminário Amazônia e Fronteiras do Conhecimento, 1., 2008, Belém, PA. Anais Seminário NAEA, 2008.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.